

ENTREVISTAS

território, possui três núcleos abertos ao público desde 1996, ou seja, desde a inauguração do Parque, que são eles a Penascosa, Canada do inferno e Ribeira de piscos. Estes são distantes uns dos outros no interior do vale, sítios de difícil acesso, mas que o visitante poderá visitar quer a parte mais antiga, gravuras com mais de 20mil anos, quer as gravuras da fase mais recente. Estas visitas são sempre efectuadas com guias do parque que são formados especificamente para este efeito e são feitas com viaturas todo o terreno e esperemos que no futuro mais alguns dos sítios possam ser preparados e visitados pelo público.

A Penascosa é um dos núcleos mais visitados. É uma praia fluvial natural onde o Rio Côa corre no seu caudal natural, não influenciado pela Barragem do Pocinho como é o caso desta secção final do Vale do Côa que tem o caudal aumentado devido à barragem, portanto na Penascosa, o visitante pode apreciar o que é o Vale do Côa no seu leito natural. É uma área considerada o coração do Parque Arqueológico e neste momento temos 37 rochas inventariadas, sendo que o visitante pode aceder a oito que estão todas muito próximas, gravuras da fase antiga feitas a picotado e a brasão. Estas têm uma excelente visibilidade e uma leitura muito acessível, o que permite ter uma interpretação facilitada, acompanhada pelo próprio guia que faz a contextualização das rochas, dos painéis, das telas gravadas que ali se encontram.

MUSEU DO CÔA

O que representa o Museu do Côa no Parque Arqueológico?

Dalila C.: Quando em 96 o Parque Arqueológico abre ao público de imediato começa-se a preparar a candidatura do Vale do Côa a Património da Humanidade. Nessa candidatura é previsto, e o governo português compromete-se a construir, um museu que permitisse a contextualização do visitante a esta arte única. Em 2002 é criado o projecto inicial para a construção do museu que não seria localizado aqui, seria localizado no sítio onde ia ser construída a barragem, projecto do Arquitecto Maia Pinto. Posteriormente, esse projecto por vários motivos é abandonado e é aberto uma candidatura para a construção do museu em que esta seria a localização deste.

O arquitecto Camilo Rebelo e o arquitecto Tiago Pimentel ganharam esse concurso e o que mais agradou aos júris foi a sua implementação na paisagem, que demonstra um enorme respeito pelo território, que é este que é classificado e é esse que dá origem ao museu.

O museu, para nós, de facto é fundamental, porque o Parque Arqueológico não consegue absorver os muitos visitantes que pretendem conhecer o que é isto da arte paleolítica no Vale do Côa, porque é necessário fazer a reserva, enfim, a logística não é tão simples, por isso o museu seria o culminar de um projecto com um Parque Arqueológico, com três núcleos abertos ao público, viaturas e guias, iniciando com um edifício onde poderia contextualizar toda a arte do Côa, permitindo uma introdução a esse visitante.

Temos por norma dizer que o verdadeiro museu não é o edifício, mas sim o Vale, onde estão as gravuras, as telas gravadas pelo homem do paleolítico superior, mas o museu acaba por ser um enorme centro de interpretação onde nós podemos condensar toda a informação riquíssima e excepcional que o vale nos tem para oferecer e que nós podemos mostrar ao visitante de uma forma sintetizada.

Por outro lado, a própria obra do museu acaba por fechar um ciclo de arte, pois o

próprio edifício é uma obra de arte e que acaba por fechar este ciclo, que começa no paleolítico superior, há 25 000 anos.

CONCLUSÃO

Qual é o caminho para tornar o Museu um factor de atracção pública e dinamizador deste território?

Dalila C.: O Parque Arqueológico do Vale do Côa é hoje em dia considerado património mundial pela UNESCO, ou seja, já tem esse estatuto que lhe dá bastante visibilidade. A questão da polémica do Côa acabou por divulgar imenso este património a nível nacional, embora tenha sido também falado internacionalmente. De qualquer forma, é um projecto que fez agora praticamente 20 anos, mas que precisa de caminhar. Estamos no interior do país, estamos numa zona desertificada e que só agora nos últimos anos os acessos foram melhorados. No entanto, é preciso mostrar ao mundo, divulgar de uma forma mais clara e evidente a autenticidade do património único que é o Vale do Côa e para isso, existem vários processos, também são precisos vários meios, não só financeiros, como também a nível de recursos-humanos. Evidentemente que em 20 anos muita coisa já foi feita, mas também temos que ter consciência que há muito para fazer e muito há que caminhar para que o Vale do Côa se imponha como o único sítio arqueológico do País que pertence á lista do património mundial da UNESCO.